

## ERROS SEM ASPAS

Carla Viana Coscarelli<sup>1</sup>

### *Resumo*

*Nesse artigo procuro discutir quatro formas de pensar arraigadas na nossa cultura escolar, que acabam por fazer com que não aconteçam mudanças substanciais na escola.*

### **A qualidade do ensino pode e deve melhorar**

A qualidade do ensino pode e deve melhorar. Será que alguém discorda disso? Acho que não. Isso não significa que todo mundo saiba o que e como fazer para melhorá-lo. Também não significa que estamos parados no tempo esperando que alguma mudança caia do céu, transformando as escolas em paraísos. Procuramos fazer o melhor e acompanhar as mudanças que os tempos nos apresentam, no entanto, nem sempre conseguimos atingir nossos objetivos.

É sobre isso que eu gostaria de conversar nesse artigo. Não tenho a fórmula mágica, não porque ela não exista, mas porque ela é diferente para cada situação. Não existe uma, mas várias fórmulas mágicas, por isso precisamos experimentar muitas delas

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Lingüísticos pela UFMG e professora da Faculdade de Letras da UFMG

para ver qual delas funcionará melhor em cada uma de nossas salas de aula. Precisamos também repensar a nossa prática, a fim de verificar se estamos fazendo alguma coisa de errado que esteja impedindo que nossos resultados sejam melhores.

Para isso, vou apontar quatro aspectos, a que estou chamando de erros (sem aspas), sobre os quais devemos fazer um exame de consciência e, se for o caso, alterar nossas concepções teóricas e nossas atitudes como professores. Chamo de erros, porque eles já são mais do que conhecidos e ainda não são muito levados a sério pelas escolas. Já deixaram de ser um engano, opção ou outros eufemismos que costumamos usar para falar dos erros. Se perdermos o medo dessa palavra, talvez estejamos dando o primeiro passo em direção de algumas mudanças que precisam acontecer urgentemente na escola. Lá vão eles:

**Nosso primeiro erro é achar que todo mundo deve aprender a mesma coisa, no mesmo tempo e do mesmo jeito.**

Não é de hoje que todo mundo sabe disso, mas a escola teima em fazer com que a história se repita. Todo mundo tem de chegar no final do ano sabendo isso e aquilo. Saber aquilo outro não serve. Será que não podemos ser um pouco flexíveis e perceber nossos alunos como pessoas diferentes, com habilidades diferentes e com propósitos e planos diferentes? Todo mundo tem de ser bom em tudo?

A escola deveria valorizar as habilidades que cada um tem, fazendo com que a diferença entre as pessoas não seja vista como um desajuste, mas como um acontecimento, normal e esperado.

Como fazer isso? Deixando que os alunos contribuam em sala de aula com o que podem fazer de melhor. Uma forma de fazer isso é estimular o trabalho em equipe em que cada participante vai de fato contribuir mais com uma etapa do processo ou ficar responsável por ela. Assim, cada um faz o que sente que é capaz de fazer melhor. Trabalhos em equipes, quando bem planejados e bem orientados, ajudam os alunos a descobrir e desenvolver seus potenciais.

Seymour Pappert em seu livro *A máquina das crianças*<sup>2</sup>, conta a história de dois meninos. Um era ótimo em matemática, gostava muito de computador e fazia muitos programas sofisticados, mas suas produções eram completamente sem graça do ponto de vista estético. Um dia, esse aluno encontrou um outro que, ao contrário dele, não era muito bom em matemática, mas era um ótimo dançarino. Juntos, esses alunos foram capazes de criar apresentações surpreendentes no computador ao unir o senso estético e artístico de um com a capacidade técnica do outro. Nessa experiência, os dois aprenderam muito, mas não a mesma coisa, nem ao mesmo tempo nem da mesma forma.

Além disso, se queremos que os alunos sejam aprendizes autônomos, que sejam capazes de aprender a aprender, eles precisam, antes de tudo, ser bons leitores. Estamos,

---

<sup>2</sup> PAPPERT, Seymour. *A máquina das crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

na escola, preocupados com isso, ou o conteúdo, a matéria, o programa ainda são mais importantes?

A leitura e a escrita estão nos objetivos do professor de matemática, de história, de geografia, de química, física, etc.? Nunca vi. Mas que deveriam estar, deveriam.

Essa história nos leva ao **nosso segundo erro, que é achar que temos de ensinar.**

Costumo dizer aos meus alunos que não temos de ensinar nada e falo isso com o suporte de dois homens fantásticos: Sócrates, que defendia que o conhecimento está dentro da pessoa e, sendo assim, cabe ao professor ajudar essa pessoa a descobrir esse conhecimento; e Guimarães Rosa, em Grande Sertão Veredas, que diz que "mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende".

O aluno é que tem de aprender. Em inglês há uma expressão que mostra exatamente o que eu quero dizer, que é *overteach*. É isso que fazemos: ensinamos demais! Nós superensinamos! Ensinamos tanto que não deixamos os alunos aprenderem. Vocês pode achar que estou exagerando, mas imaginem como seriam diferentes as aulas, se o papel principal fosse dos alunos aprendendo e não do professor ensinando. Caberia ao professor, criar situações que fizessem com que os alunos tomassem conta da aula, se responsabilizassem pelos trabalhos e aprendessem pelo prazer e pelo envolvimento nos desafios lançados pelo professor ou pelos colegas.

Não ensinar não significa, no entanto, deixa qualquer coisa acontecer na sala de aula. Significa, respeitar os interesses dos alunos, para, a partir disso, desenvolver as habilidades que julgamos serem necessárias.

Por que estou falando em habilidades? Para não cair no primeiro erro, ou seja, para não cair no conteúdo absoluto. Defendemos tanto os conteúdos, mas temos certeza de quais deles são imprescindíveis para todos os alunos brasileiros? O que é ou foi importante para a minha geração é ou será importante para as próximas? Há pouco tempo era importante saber muitos dados de cor, no entanto, sabemos de decorar muitas informações já não tem o mesmo valor, e que o mais importante é o aluno saber o que vai fazer com esses dados. De que adiana saber a tabuada de cor, se na hora de calcular os juros cobrados pela loja, não sabemos que operações fazer?

**O terceiro erro é ensinar, partindo do pressuposto de que o aluno não sabe nada daquilo que queremos que ele aprenda.** Somos capazes de avaliar para dar uma nota, mas não somos capazes de fazer uma avaliação para sondar o conhecimento dos alunos. Pode uma coisa dessas?

Saber qual será nosso ponto de partida, bem como onde queremos chegar (que habilidades queremos desenvolver nos alunos) é fundamental para sucesso de um curso.

A avaliação deve ser um aparato que direciona o trabalho do professor por possibilitar a sondagem dos alunos, permitindo a ele saber de onde ele deve começar, em

que direção deve ir; e que, por outro lado, possibilita que ele avalie seu próprio trabalho, redimensione e redirecione sua atuação, em função dos resultados dessa avaliação.

Sondagem é um tipo de avaliação que normalmente não se faz. Sem isso, partir de onde? Ensinar o que? Será que vamos continuar partindo do pressuposto de que os alunos não sabem nada do que gostaríamos que eles soubessem? Que eles não têm nenhuma das habilidades que achamos importante que eles tenham? Acreditamos na 'tábula rasa' ainda?

Por incrível que pareça, alguns professores acham uma *glória* dar bomba em muitos alunos. Será que esses professores não percebem que isso é uma comprovação do seu próprio fracasso?

Se os alunos não gostam das aulas, não se saem bem nos exercícios e nas avaliações é porque o trabalho (as estratégias) do professor não está funcionando.

Se o professor acredita que seu trabalho é bom e eficaz, porque os alunos haveriam de fracassar nas avaliações? Se os alunos passam pelo menos 4,5 horas por dia, durante muitos anos, em uma sala de aula, não é absurdo que eles saiam da escola sem saber nada como muita gente diz por aí? Que avaliação é essa que permitiu que isso acontecesse?

Se um engenheiro faz um prédio e o prédio depois de alguns anos cai, ele não é processado? Na educação, alguns professores afirmam que têm alunos na 8ª série que não sabem ler. Isso não seria o caso também de processar todos os professores desse aluno? O

que fizeram com ele durante todos esses anos que não ensinaram o menino a ler? Isso é crime! Que papel cabe ao professor atual?

A reprovação também é uma situação delicada e que precisa ser analisada. Se o aluno é reprovado uma, duas, três vezes, a não ser que ele tenha problemas mentais ou psíquicos graves, de quem é a falha? Dele? O que a escola está fazendo para que esse alunos não fracasse? Como ele está sendo avaliado?

Se o professor acredita no seu trabalho, acredita que as atividades que propõe são significativas, relevantes, didáticas, ajudam o aluno a desenvolver habilidades e a adquirir conhecimentos, não há porque o aluno fracassar. Não há porque fazer uma prova para que o aluno comprove sua competência. Essa competência já deveria estar sendo observada pelo professor durante as aulas e, caso ele detectasse problemas, deveria executar, de imediato, planos para solucionar esses problemas detectados.

O que avaliamos? Pra quê? Pra quem? A avaliação não deveria ser uma forma de o professor saber de onde deve partir (para não partir sempre do zero), quanto e para onde cada aluno foi capaz de navegar?

**O quarto e último erro que eu gostaria de apontar é o de achar que o conhecimento está pronto e acabado.**

Esse erro talvez esteja na base dos outros três já apontados acima. Precisamos lembrar a todo momento que o conhecimento é e será sempre construído por nós o tempo todo. Não há teoria pronta, acabada, sem refutação. É por nos esquecermos disso, que

muitas vezes acreditamos que existem coisas que todo mundo é obrigado a saber e que, por isso, o professor tem a obrigação de ensinar. Como, muitas vezes, acreditamos também, equivocadamente, que essas “coisas” que temos de ensinar não fazem parte da vida das pessoas, partimos do pressuposto que temos de começar do zero, pois os alunos não devem saber nada do que queremos ensinar.

Se o que o aluno deve saber não tem nenhuma relação com o mundo que conhecemos, será que isso deve mesmo ser aprendido? Pra quê?

Não seria papel da escola fazer ciência com os alunos? Pesquisar, questionar, comparar, generalizar, quantificar, hipotetizar, provar, comprovar, refutar, discutir, argumentar, ler, escrever, relatar, entre tantos outros verbos que poderíamos listar?

Acredito que a qualidade do ensino pode e deve melhorar muito. Não estou dizendo que nós, professores, não somos competentes. Nada disso! Mas penso que devemos experimentar fazer uma escola diferente.